

# O ACADEMICO

DIRECTOR: Paulo Pinto de Carvalho

Redactores: Emmanuel Whitaker

Raphael Ribeiro da Silva

P. Oliveira Ribeiro Neto

Eduardo Pellegrini

(ORGAN DA OPPOSIÇÃO :  
- PARTIDO ACADEMICO)

COLLABORADORES EFFECTIVOS :

Paulo Barrero

Amicar Quintella Junior

Laurindo Minhoto Junior

J. I. Benevides de Rezende

Renato Soares de Toledo

Alceu Bellegarde

Djalma Forjaz Junior

Oscar Pedrosa d'Horta

Carlos de Oliveira Coutinho

ANNO 1

Redacção: RUA TRINHEIRA DA SILVA, 7

Faculdade de Direito de S. Paulo, 26 de maio de 1927

Officinas: RUA MAJOR DIOGO, 170-B

NUMERO 3

## DESPERTAR CIVICO

### *A crise mundial*

Profundo e geral desequilíbrio, na vida de diversos povos, seguiu-se á guerra. Num imprevisto estonteante surgiram os problemas os mais intrincados e de difficilissima solução. A custo são evitadas novas guerras e desastrosas luctas sociaes, alli onde se alastra, como uma peste ou o cancro, o germen destruidor que desmoronou a Russia. Odios ainda não extinctos, talvez mais intensos, promovem a discordia mesmo entre as nações. Nas diversas classes sociaes, principalmente na operaria, observa-se um geral espirito de descontentamento, ancioso por novas leis, novos rumos.

Anormalidades taes, não poderiam deixar de influir no ambiente moral. E assim aconteceu: o character de hoje, ostentando com maior arrogancia o que hontem procurava disfarçar, tenta ageitar-se ao egoista «vae victis».

### *A crise no Brasil*

A sociedade humana de hoje, - é o notavel sociólogo Henry George quem nos observa, longe de semelhar-se áquelles seres que, mesmo cortados aos pedaços, continuam a viver, é um todo complexo e harmonico, sensivel a qualquer abalo n'uma de suas partes. A Crise, abraçando a região européa, havia de fazer sentir o seu hialito, os seus espasmos, até ás mais longinquas regiões.

Previsivel, pois, um reflexo desse nefasto estado de cousas: os ultimos fluxos da vandálica tempestade que varreu a Europa, deveriam chegar até á America. O Brasil, paiz novo que quasi nada produzia, viu-se de subito desamparado: teve então sua crise.

### *Causas que aggravaram a crise*

Esse estado critico brasileiro, no entanto, teria sua solução em tempo mais ou menos rapido, si dous factos preponderantes não interviesses para aggravar-o: a nebulosidade em que se achava o esboço do nosso sentimento civico - nacionalista e o aproveitamento indebito das altas posições politicas.

Nenhum problema verdadeiramente sério se nos apresentava. Não nos incommodavam colónias insubmissas, grêves geraes, falta de recursos productores ou qualquer outro motivo que aterroou os estados européus. A questão era principalmente, de direcção firme e ponderada, nos môdes das Leis, alheia á politica e, tambem, de cooperação civica por parte dos Brasileiros.

Mas, com o abuso das posições, uma nuvem cobriu os sentimentos patrioticos dos altos no poder e sua sombra como que desnor-teou os de baixo: quem não observou o desinteresse dos Brasileiros pelas cousas politicas?

Essa apathia, esse abandono contraproducente, foi causa das peiores consequencias. Os ambiciosos, livres de freios que lhes moderassem os impetos e a ganancia, atiram-se cegamente ao novo bezerro de ouro. Surgiram assim, os incapazes e, com elles, os desatinos, os disparates, os abusos, a prepotencia.

### *O exemplo do Bandeirante*

Um estado tão deprimente, esse depauperamento das energias nacionaes, é o bacillus a corroer o organismo. Urge a intervenção de uma consciencia civica e nacionalista. A cada um de nós compete o rebater essa apathia culposa que nos desanimou e embaraçou. Sirva-nos de incentivo a victoria moral e real dos tres novos deputados. Encaremos firmemente o ideal de um futuro confortante e risonho. Nosso almirante Barroso lá está a lembrar: «O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever».

Espalhe-se por todos os corações o desejo de agir, de accordo com suas possibilidades, para o reerguimento das aspirações do povo, para a criação de uma consciencia nacional.

Muitos annos atrás, os Bandeirantes penetravam, pela sua audacia e tenacidade, os sertões bravios e desconhecidos á procura de novas riquezas e novas terras. Devastemos nós, agora, os emmaranhados cipós do filhotismo e da rotina, as plantas que sugam as outras, os lodações dessa politica sem ideias e toda de interesses, á procura de novos horizontes, de novas fibras, de novos enthusiasmos.

Emmanuel Whitaker



49896

## UM PROJECTO DE PROPAGANDA



O nosso collega Azeu Bellegarde apresentou em sessão do "Centro" realizada em 5 do corrente, um projecto de propaganda em prol da criação de cursos de sociologia no Brasil.

Dessa propaganda, que deverá ser levada a effeito em commemoração do Centenario dos Cursos Juridicos, incumbir-se-á uma commissão especial nomeada pela Comissão de Festejos. Seu plano consiste mais ou menos no seguinte:

Promover, em nome do "Centro", uma ampla discussão pelos jornaes da Capital de São Paulo sobre as seguintes theses: - I) Qual seja a melhor maneira de instituirem-se, em nosso paiz, centros de estudos sociologicos focalizados, principalmente sobre o Brasil. - II) Se não seria conveniente que taes centros fizessem parte integrante dos cursos de nossas Faculdades, attenta a denominação de seus diplomados — "Bachareis em sciencias juridicas e sociaes".—III: Se seria ou não aconselhavel, neste caso, a divisão do curso de Sciencias Juridicas e Sociaes em dois cyclos: — um, de caracter estritamente profissional e outro, de feição amplamente scientifica. — IV Qual deveria ser a orientação pedagogica de taes cursos.

Para isso, se entraria em entendimento com as redacções dos jornaes no sentido de obter a abertura de suas columnas, entre 1 de Junho e 30 de Novembro do corrente anno, para a publicação de opiniões e pareceres sobre o assumpto, os quaes a referida commissão especial solicitará directamente de pessoas competentes.

Os trabalhos publicos serão reunidos em um volume que deverá ser enviado, em 3 de Março de 1928, data da instalação da Faculdade de Direito de São Paulo, ao Congresso Nacional, ao vossos ensinamentos, soubestes apuramento Nacional do Ensino, juntamente

com uma proclamação em que o Centro Academico "Onze de Agosto", em nome dos estudantes de São Paulo, concitará os poderes publicos a volverem as vistas para a questão.

Como vêem, trata-se de um plano de propaganda que, se fôr posto em pratica, concorrerá poderosamente para o esclarecimento de um dos problemas mais importantes de nossa educação.

Na exposição de motivos que acompanha a proposta, o proponente põe em destaque a necessidade da existencia entre nós de cursos de sociologia, onde não só se estudem as leis geraes de desenvolvimento das sociedades humanas, como também se faça um estudo especializado de todos os factores caracteristicos da evolução de nosso povo. E, referinco-se ás questões sociaes e economicas do Brasil, salienta a natureza sempre "sui generis" com que devem surgir taes problemas no se paiz, cuja genese é formação differente integralmente da dos demais paizes do mundo.

Serão taes institutos, incoestavelmente grandes centros de irradiação de espiritos investigadores das verdadeiras directrizes que devem seguir na solução dos problemas nacionaes. Delles sahirão, sem duvida, mentalidades capazes de orientar, com largueza de vistas, os negocios publicos, de conciliar as forças sociaes e economicas divergentes, aptas, em summa, para orificar, em cada momento, o que mais convem para o progresso colectivo. Estadistas, na accepção pura da palavra.

Sendo, como é, digno de toda a attenção o projecto, ora sujeito a parecer da Comissão de Festejos do Centenario, fazemos nossas as palavras com que o Sr. Azeu Bellegarde termina a sua exposição: — "O Centro Academico "Onze de Agosto", tomando a si a tarefa de patrocinar a propaganda destas idéas, de promover uma discussão tão

util para o esclarecimento do assumpto, não só irá ao encontro de uma aspiração perfeitamente legitima de muitos brasileiros, como commemora condignamente o Centenario da Fundação dos Cursos Juridicos no Brasil".

## Tragedia Musical

por Paulo de Tarso Mendes de Almeida

*E o corço disse: "A'nanhan mesmo!"*

(Paramount Pictures).

Na penumbra azulada do quarto, a principio um bigode. Depois, uns olhos de vésgo. Depois éle.

Ele, o bigode, os olhos, e o vésgo...

Mais tarde, appareceram ela e o outro.

A mulher era tão sua quanto o bigode. O bigode continuava fiel, apesar de arrepiado e duro como uma escova: a mulher já o traíra...

E ali estavam, em sua frente, a adúltera e o traidor. Soltou um rugido de raiva. Escamoteou os olhos. O ciuime assobiou uma valsa no seu intimo.

Sentia o coração a pular corda. Teve vontade de cometer um assassinato e de comer o bigode. Afinal, não pôs o chapéu na cabeça, e saiu, mão ás costas, no estilo de Napoleão.

Quando voltou, voltou armado.

Armado de carabina "Mauser".

Abriu a porta de um sóco, e branco de colera jogou para o ar a carabina.

A peccadora nem ligou.

Ninguém ligou....

Descendo, a carabina arrebatou-lhe a cabeça.

E dando um pulinho, apresentou-se, braços abertos, sorridente e ensanguentado....

(Este é um film da Sunshine).

# Política da Academia

## O Partido Académico e a sua Actuação Política

Ao calouro ha por força de parecer estranho o interesse tão grande manifestado pelos veteranos com relação á politica da Academia.

É extranhavel de facto, mas sômente á primeira vista. Porque logo apos um rapido exame se verá que é uma necessidade, que ha, uma razão justa e é até prova de vitalidade e interesse pela Academia.

Em poucas palavras é isto:

Na Faculdade existe um Centro, o 11 de Agosto, do qual são socios todos os estudantes. A sua direcção está confiada a uma directoria eleita annualmente. Os membros desta directoria ao tomarem posse dos seus cargos assumem perante os estudantes a obrigação de cumprir os estatutos do Centro que vão dirigir e bem interpretar os sentimentos e as aspirações estudantinas.

Tal porém é o que não se dá, podemos-o affirmar sem o mais leve espirito de intolerancia.

Ha na Faculdade dois partidos: o Situacionista e o Opposicionista (Partido Académico).

O Partido Académico, entre outras funcções, tem a de ser um partido fiscalizador, organ de equilibrio do Centro por occasião das successões, como é facil verificar-se em todas as suas attitudes, nas quaes apparece claro não ser um grupo de descontentes, opposicionistas systematicos ou derrotistas.

No seu primeiro anno de vida manteve-se o P. A. em attitude de expectativa. Esperou, mas em vão. A antiga opposição, aquelle partido que se assinalava pela energia com que pedia o cumprimento dos Estatutos, nem bem galgara o poder, esquecera as suas promessas, as suas lutas e os proprios Estatutos. Assim:

O art. 2 dos Estatutos diz: "são seus fins" (do Centro). § 4 — "Promover por todos os meios o aperfeçoamento intellectual e moral dos socios". E no art. 3. § 1 indica esses meios: "Promovendo leitura de theses sobre qualquer assumpto scientifico ou litterario, cuja critica ou impugnação poderá ser feita por outro socio em sessão posterior".

Os actuaes situacionistas, que tanto atacaram os antigos, jamais tentaram ao menos realizar esta disposição estatutaria. As sessões do Centro não passam de sessões de expediente. E, no entanto o que os Estatutos quizeram, mandando cumprir theses nas sessões, foi dar-lhes um caracter cultural.

Mas não é só. O desinteresse dos situacionistas não parou ali, devido tal-

vez á absorção de todo o seu tempo util pela preocupação de fazer politica. Entre outros, o caso do Congresso de Fello Horizonte; a propaganda politica que fizeram na revista do Centro justificam, mais que nunca, uma opposição severa.

No entanto, o Partido Académico manteve-se em attitude reservada. Criticou-os é verdade, mas com o fim de evitar erros futuros. Dictava-lhe esta attitude a creença alimentada de que, sômente por forças extranhas á vontade dos actuaes situacionistas, deixariam elles de cumprir suas obrigações. E tambem o Partido Académico não queria de modo algum ser tratado de violento, injusto ou provocador de discordias.

Esta foi a orientação até aqui seguida pelo Partido Académico. Não havia razão pois para soffrer os ataques que recebeu no ultimo numero do jornal "A Obra" sob o falso pretexto de destruir a solidariedade academica.

No que porem os situacionistas por lealdade e justiça nos devem dar razão é quando affirmamos que até agora não cumpriram as suas promessas.

A vista disso a nossa opposição torna-se um dever até. Os situacionistas porém não comprehenderam ainda a nossa attitude. Não se compenetrando dos seus erros, insistem em continuar nelles. Ao envez de se emendarem e receberem as nossas criticas que são justas, fazendo assim jus ao nosso esforço pelo engrandecimento da classe a que pertencemos, zangam-se e com uma intolancia incomprehensível, procuram por todos os meios desmoralizar-nos perante a opinião academica. Querem, fazendo esta politica de ataques, algumas vezes faltos de correção e lealdade, desviar talvez as atenções das promessas não cumpridas ou então, o que é mesquinho demais para acreditarmos, attrahir as sympathias dos estudantes.

\*

"Meu programma é o programma do meu partido" escreveu o actual presidente do Centro na sua plataforma. Estava cheia de promessas e ideias verdadeiramente boas. Promettia realizal-as se fosse eleito. Pois bem, foi eleito e vamos ver a que elle já realizou.

A "organização duma Caixa de Assistência para os estudantes pobres, para aquelles que não possam satisfazer as exigencias pecuniarias do curso" até hoje não se tornou uma realidade.

Quanto a "A Assistência Judiciaria", disse elle: "procuraremos interessar

mais a classe nesse intento". Interessaram-se os situacionistas, que são tão sollicitos em nos atacar, despertaram a attenção academica para esta bella instituição, que tem por dirigentes dois moços de valor?

Quanto ás "Campanhas Cívicas", assim elle se manifesta: "Se Bilac já morreu, as suas palavras ainda clangoram no ambiente vetusto da Academia. Saíamos a pregar ao nosso povo o amor das nossas tradições, etc...."

Estas campanhas cívicas não foram realizadas.

Toca depois em "Mentalidade Académica" e promete dar ao Centro um caracter cultural, promovendo para isso debates sobre theses, etc.

Estes meios são de facto os verdadeiros, mas se o actual presidente tivesse lido antes os Estatutos, teria visto no art. 3 § 1 que já eram obrigações estatutarias. E mesmo assim ainda nada se fez nesse sentido.

Prometteu tratar da "Confraternização dos Estudantes", reorganizar e augmentar a "Bibliotheca do Centro" etc., etc.

Pois bem, daqui a tres mezes o actual presidente deixa a Academia e ainda nada foi feito. Nem ao menos iniciados os trabalhos.

Podemos pois affirmar, sem receio de contestação: os situacionistas não realizaram o programma que prometteram.

O unico trabalho de verdade já começado é o relativo aos festejos para a commemoração do centenario da fundação dos Cursos Juridicos no Brasil.

Tal seria porém que o desleixo e o indifferentismo dos situacionistas chegasse a tanto! Assim mesmo é preciso salientar que no anno passado nada se fez pelo Centenario.

Acreditamos não ser preciso dizer mais nada para evidenciar a justeza de nossa critica, a razão da nossa attitude e a nobreza das nossas intenções.

O snr. presidente do Centro, cuja sinceridade e boa vontade somos os primeiros a reconhecer, estamos certos, ha de levar em consideração estas nossas palavras e trabalhar junto de seus companheiros para que, fazendo menos politica, procurem realizar o seu programma, o que ainda está em tempo. Deste modo farão jus ao esforço e trabalho de quantos lutam neste ambiente ingrato pelo prestígio do estudante.

Depois desta exposição, o Partido Académico está certo de que todos os estudantes de direito que não forem faltos de sentimento civico e de justiça, hão de nos dar razão e repellir como indesculpaveis quaesquer justificativas ou insinuações dos situacionistas, enquanto elles não se impuzerem á estima academica, pelo cumprimento de suas obrigações.

## MOCIDADE E REVOLUÇÃO



por Plínio Mello

Em "Las Fuerzas Morales", o livro admirável legado como testamento à mocidade americana, Ingenieros traça o quadro moral dentro de cuja órbita se deverá exercer a actividade das novas gerações da America. Do panorama descontinuo por elle á visão inquieta da nossa intelligencia, se destaca um principio que caracteriza o espirito da mocidade em todos os tempos — o principio de rebeldia. Rebeldia contra "a rotina nas ideias, a hypocrisia na moral, a domesticidade na accção"

"Todo esforço por libertar-se dessas cadeias é uma expressão do espirito de rebeldia". "Mocidade sem espirito de rebeldia, é servidão precóce".

\* \*

Esse principio geral incorporado por Ingenieros ao patrimonio moral da mocidade americana, tem em nossa epoca um aspecto de especialização e applicabilidade social, que de fórma alguma, poderá ser posto á margem de nossas cogitações. Quero-me referir ao espirito revolucionario do seculo XX.

A decadencia da civilização actual, tão bem estudada em seus minúsculos detalhes por Spengler e Kaiserling, — salta aos olhos dos menos curiosos pela investigação dos phenomenos sociaes. Ella é o producto de factores conseqüentes de ordem economica, social e moral. Resulta do exgottamento das forças características do systema social que teve origem na Revolução Franceza. As contradicções espirituas de nossa época são o effeito directo do regimem economico que basila a sociedade contemporanea. O capitalismo é a grande causa da inquietação moderna.

\* \*

Si procurarmos nos aperceber da evolução historica da humanidade, nós verificaremos que ella se processa por meio de ciclos distinctos, projecção cada um delles de uma cultura original que se systematisou conforme os interesses que a determinaram.

Foram assim a cultura egypcia, a grega, a romana; assim tambem, a cultura occidental. O conceito de cultura neste caso, se confunde com o de civilização. Esta caracteriza sobretudo a expressão maxima da cultura.

A civilização occidental, chegando ao auge de sua capacidade creadora e força de expansão, pelas conquistas technicas do seculo XIX, — começa agora, a declinar rapidamente. A Grande Guerra objectivou essa decadencia. Mas a cultura do occidente trazia no seu proprio seio o germen fecundo de uma outra cultura. A Revolução Russa está sendo a projecção luminosa do que será a civilização de amanhã...

\* \*

O mundo moderno offerece, pois, na multiplicidade de aspectos contrastantes de sua vida, — o panorama dessa grande lucta que está sendo travada entre duas forças oppostas. De um lado a organização systematisada da sociedade actual, de outro, a brécha que a revolução vem abrindo no seu dorso. Lucta de classes, sobretudo. Do proletariado, na sua acepção mais ampla, contra o capitalismo, no sentido mais restricto, isto é, na sua expressão imperialista.

Lucta da grande massa dos opprimidos, contra a exploração dos oppressores. Lucta da civilização burgueza, decadente, contra a fecunda cultura proletaria em gestação.

Nesse embate de forças oppostas, não ha margem para neutralidades e indifferencias: muito menos para titubeios. Ou se defende o campo onde estão assentadas as baterias do imperialismo economico-internacional, ou se enfileira nos exercitos vermelhos da revolução social.

A deserção da lucta é signal de covardia.

A mocidade contemporanea tem que ser revolucionaria!

\* \*

A mocidade em todos os tempos sempre esteve ao lado das causas nobres e justas. Nunca deixou de affirmar o seu espirito de rebeldia contra a oppressão.

Nunca deixou de se revoltar contra todas as injustiças. Luctou sempre pela liberdade humana.

Hoje, mais do que nunca, é necessario o seu concurso em prol da Revolução Social. Esta, que vem sendo larga e profundamente estudada, desde o seculo passado, com Carl Marx, até os nossos dias, pela obra genial de Lenine, — tem já, scientificamente, determinadas

bases seguras de construção de um mundo novo — a sociedade proletaria comunista de amanhã... Para chegarmos até lá, no entanto, será preciso que destruamos a machina politica da sociedade actual, possibilitando desse modo, o assentamento das bases daquella construção.

A transformação social, por meio de reformas, dentro deste regimem — é uma utopia de ideologos tícutos e sem fé. Mais poderoso do que o seu idealismo pacifista, é o determinismo economico da expansão capitalista.

Só a violencia revolucionaria será capaz de operar essa transformação social.

Demais a revolução proletaria é uma fatalidade historica.

Não podendo ser impedida pela vontade humana, só resta o accomodamento a ella. Mas, no seu seio, ella traz o manancial fecundo das grandes ideias que nunca puderam ser integralmente realizadas pela humanidade. E que agora ninguém poderá negar que o sejam.

As ideias da justiça, do bem, da liberdade — a trilogia magnifica que tem arastado ao martyrologio tantos homens, — serão afinal realizadas.

\* \*

É necessario, pois, que a mocidade brasileira saiba cumprir a sua missão historica. Não procure fugir á realidade da sua época, nem cogite de se esconder á verdade do seu tempo. Saiba reflectir na accção que é chamada a desenvolver, o pensamento do seculo X.

Desse modo ella será digna de sua geração em todo o mundo.

É a mocidade contemporanea que na Russia Sovietica está erguendo o edificio da sociedade comunista. É ella que na China convulsionada dos nossos dias, tem sido o poderoso baluarte da Revolução. Nos paizes hispano-americanos, agora mesmo, é tambem ella a entusiasta agitadora das novas ideias sociaes. Em todo o mundo; o que nós vemos hoje é a mocidade unida aos trabalhadores e luctando pela Revolução Social.

A mocidade brasileira tem que ser revolucionaria, para não falhar ao espirito que a deverá consubstanciar, e, sobretudo, para não ser indigna da sua geração e do seu tempo.

Tem que cumprir a sua missão historica!

S. Paulo, 13-5-27.

# Resurreição

por Paulo Paulista

Muitos definem a velha Faculdade de Direito de São Paulo como seculo: tradição e arcadas.

Tradição: salão nobre, dourado, com grandes retratos embolorados nas paredes. Mezas e bancos burilados a canivete. Pesadas portas que se abrem ás visitas, ruindo enferrujadas fechaduras. Assoalho de taboas largas, carunchosas que estralejam. Bibliotheca com retrato de Alvares de Azevedo e cheiro de naphthalina. Quadros negros, de 1830 no saguão, com editaes de Julio Maia.

Arcadas: Columnas no pátio central, — arcos de triumpho e lápides das grandes glórias acadêmicas. Largos corredores escuros, onde as passadas ressoam, soturnas, no lagêdo. Resquícios de cheiro de rapé e cordões nodosos de frades franciscanos, a chacoalhar rosários em passos meditados sob a arcadas...

Mas não é só isso: tradição é também a mocidade turbulenta do passado, a vibração indomável do espirito dos

moços! Intellectualidade fecunda, a espalhar scintellas de luz pelo Brasil inteiro! Mar sempre revoltado, ondas sempre bravias.

Gerações de talentos. Gerações que se immortalisaram. Gerações que ainda revivem.

Outro dizem: Não! A Faculdade de Direito é um viveiro de grandes idéas. Ha uma inquietude insoffrida no espirito dos estudantes.

Todos ágem. Uns mechem na politica, apprendida desde as sessões do Centro XI de Agosto. Outros fingem de literatos, e fabricam livros. Estes estudam o Direito, porque não tem outro divertimento. Aquelles, se julgam artistas e viram bohemios em noitadas na "Cidade de Munchen". E os que menos trabalham, dão quarenta e cinco voltas no centro da cidade, nos sabbados de triangulo sem automoveis e com meninas pintadas.

E vem os scepticos: Qual! Faculdade? Calmaria, quasi estagnação: festa de calouro, grêve, exame, e uma fornada de bachareis. Anno seguinte: idem, idem. E annos de rotina... rotina...

Decadencia? Talvez... Os ultimos filhos da velha Faculdade tem sabido muito franzinos...

Tambem não é bem isso. Ha, agora, prenuncios de resurreição. O espirito vibratil da mocidade revive. Alguma cousa borbulha, por baixo dessa agua parada: é o Centenario! Os moços estudantes querem mostrar o que se fez durante um seculo.

É mentira dizer que o Brasil tem quasi quinhentos annos de civilisação. Que fôra descoberto "no anno de graça de 1500"...

Invencionice! Não tem mais que um seculo. Nossa terra se descobriu, quando aqui foram fundados os Cursos Juridicos. A Faculdade de Direito de São Paulo é o cérebro do Brasil.

Portanto, olhar o passado como um exemplo para o porvir. E, sobre a pédra do monumento ao centenario da Faculdade de Direito, construir o grandioso futuro de um Brasil novo!

São Paulo, Abril 1927.

## Viver ás claras

Cursavamos então o primeiro anno. O numero de alumnos matriculados passava de setenta. Lembro-me ainda como se fosse hoje. O Dr. Reynaldo Porchat, professor de Direito Romano, tinha sido naquelles dias indicado para Senador Estadual e era a primeira vez que se apresentava na Academia para dar a sua aula. Na sala, todos o esperavam de pé, anciosos. Logo á entrada romperam as palmas, estrepitosas, sinceras. Na physionomia de cada um estampava-se aquelle entusiasmo sadio e vibrante da mocidade pura e ideal, de que fala Ruy, em suas «Paginas Literarias». A expontaneidade da manifestação commovera o professor e commovera-nos a todos nós. A saudação que então se lhe fez, respondeu o querido mestre de direito com o seu dizer eloquente e aquelle gesticular tão seu. Foi uma joia de oratoria e um punhado de principios sãos de politica. Uma lição de civismo.

As suas palavras calaram no meu espirito. E, evocando-as, ainda sinto o calor com que disse: «Viver ás claras, será a minha divisa, sempre, em quaesquer circumstancias.»

São passados já quatro annos. O Dr. Reynaldo Porchat não lecciona mais na Academia. Porém, a sua influencia benéfica ainda se faz sentir sob as vetustas arcadas...

A lição do mestre não ficou esquecida.

«Viver ás claras» é o lemma seguido pelo Partido Academico.

Paulo Pinto de Carvalho

## O Campeão das Liberdades

por João d'Almeida

Morriram, lentamente, os últimos applausos que o Sr. Paulo Duarte conquistara, com o discurso em que pedira um voto de louvor para a "Directoria do Centro" cujo mandato terminava...

O autor de "Agora nós" primára na confeccáo d'aquelle manjar, magnificamente offerido aos academicos, cheio de fabulas orientaes, de "ouro", "do ouro da probidade", e d'aquelle outro que felicita tanto compatriota do dulceroso gusão... Periodos curtos, incisivos, levemente lyricos de uma ironia fina, cantante que castigava os pobres, os humilhados, os vencidos e insupportaveis opposicionistas...

E o Sr. Paulo Duarte temíou sob os olhares admirativos e palmas entusiasticas da assistencia toda. Vae d'ahi "alguem" faz o mesmo gesto que os meninos de Grupo em circunstancias criticas, e... maldosamente, o Sr. Presidente dalhe a palavra... Movimentos "diversos" na sala... e aconteceu o que não podia deixar de acontecer...

O Sr. Siqueira Reis justificava alguma coisa...

"Um dia, um d'esses dias tremendos em que terribros associações secretas carpeavam pelos frios corredores da Faculdade, em que o antigo partido dominante assassinava genios, ainda imberbes, na ancia sadica de beber sangue quente e moço, elle, o orador, reconhecidamente o campeão de todas as liberdades, o reivindicador incausavel destemido, de todos os direitos conspurcados, o "chevalier sans peur et sans reproche" das velhas arcadas franciscanas, soffrera a dor, a vergonha, de vêr que passava, approvado pela maioria, um voto de louvor que elle combatera com tocas as veras do seu coraçãozinho leonino"... "E nesse dia, desiludido dos homens e das coisas, triste, muito triste, elle jurára, solennemente, nunca mais dar votos de louvor a quem quer que fosse..."

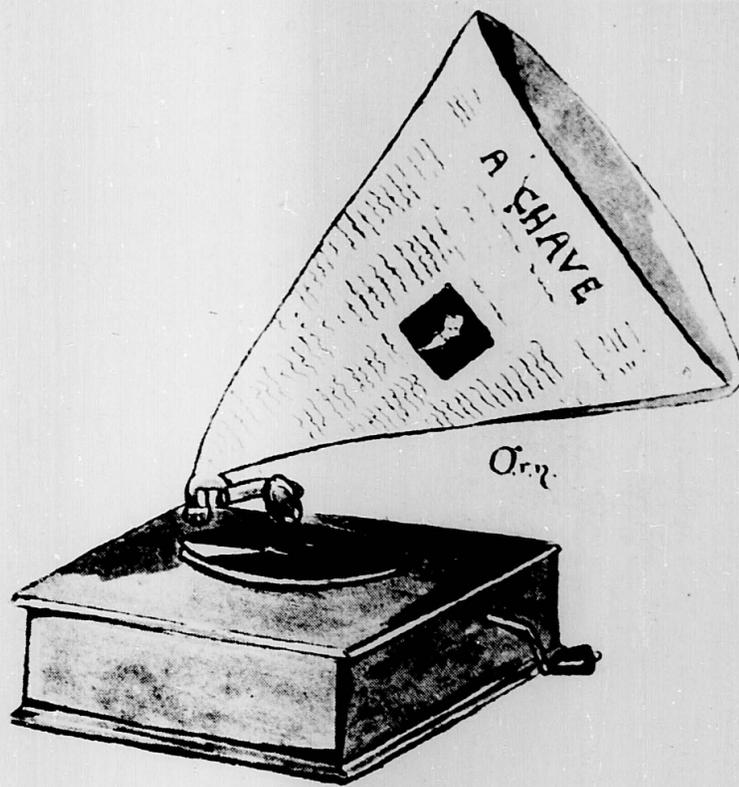
"Por isso, negava o seu á Directoria passada!..."

Tudo quanto o Sr. Siqueira Reis faz e profundo, é pensado e, talvez por isso, escapa aos entendimentos mediocres, como o rosso. Queremos, humildemente, apresentar-lhe uma pequena duvida, implorando um pouco da sua luz cerebral para as trevas da nossa intelligencia. E a duvida é:

"O voto de louvor é apenas a expressáo do que pensamos. Damos voto de louvor ao que nos parece bom e negamos ao que acreditamos mau". Negar o voto é desapprovar; dá-o approvar. Jurar a alguém, que nunca mais approvare coisa alguma é prejulgar ruim, nefasto, erroneo, tudo quanto se possa fazer. É condemnar o mundo; portanto condemnar-se. E ainda se o que jura, cumpre o prometido, sempre agrá mal porque nunca poderá louvar o que faz, ou fizer. Por ultimo, as modalidades em que se possam empregar as instituições nada provam contra ellas...

O ACADEMICO

## Discurso aos Calouros



— "O calouyada correcto,  
calouros do coração!  
Sou a "Antiga Opposição"..."

— Está tudo tão mudado,  
que digo, sem pregar breia,  
que é sem valor esta fala...

E tú, — "Chave" — tem cuidado,  
pois sinão, viras corneta  
para servir na cabala!

### OFFERTA

Partido que assim começa  
de tal modo a discursar,  
fala tambem das promessas  
que não pudesle pagar...

Arcadio

### «Os deveres das novas gerações brasileiras»

«O Brasil precisa de um espirito novo, capaz de sacudir a vida nacional, accordando-a para a realidade do mundo contemporaneo. E, felizmente, não, obstante todos os vícios reinantes começa a soprar um vento de renovação. Na geração actual parece haver elementos que se preoccupam das coisas nacionaes, com seriedade e afinco. Ha de ser dessa direcção do nosso espirito que virá a nossa grandeza. Observando á nossa propria vida, prescrutando o evoluir da nacionalidade, comprehendendo as nossas necessidades, olhando de face e com lealdade os nossos defeitos, trabalhando, de olhar fixo no futuro da patria e não nos interesses e posições pessoais, faremos uma nação forte, nobre e estimada.

É de cultura que necessita o Brasil. Cultura physica, mental, profissional, civica, social e politica».

A. Carneiro Leão

Do Livro «A Margem da Historia da Republica»

## Contra Factos não ha Argumentos

por Radio

Quando um partido politico, na opposição, profliga a acção daquelles que têm o poder, e procura substitui-los no governo, assume perante os electores o compromisso de, uma vez vencedor, corrigir os defeitos de administração então existentes, melhorar-lhe os methodos, e alargar-lhe a acção. Se alguém destrõe, e para depois construir, tem o que poderá justamente ser acornado de derrotista.

Um partido procura conquistar o poder, conquistando a sympathia do electorado pela sua acção energica e decisiva, e provando a sociedade que, no governo, melhor poderá servir os interesses cuja gestão ficará a seu cargo, do que o actuaes gestores.

Se a sua acção opposicionista consegue obter os louros da victoria, cumpre-lhe, não mais falar, mas agir. Agir, de accordo com o que falara. Provar a sinceridade dos seus ataques anteriores.

O opposicionista alcança o prestigio de que necessita, mostrando a evidencia o erro do situacionismo; o situacionista, encontra credenciaes para continuar a merecer a confiança do electorado, mostrando o que tem feito e o que faz.

O actual partido situacionista da Faculdade de Direito de São Paulo, para merecer a confiança dos academicos, deveria vir dizer-lhes: concorri para o levantamento da classe academica paulista, organizando isto, creando aquillo, fazendo aquillo outro; não descurei dos interesses academicos que estavam a meu cargo.

E o que não acontece, porem. Não tendo credenciaes, como constructor, apella para a sua campanha opposicionista anterior; e procura angariar sympathias, trazendo á baila a poetica academica de tempos que já se foram. Com isto, parece-se com aquelles rebentos mutes de familias illustres, que andam a alardear a nobreza e o valor dos seus avós, uma vez que não lhes restam motivos para vangloriar-se da propria desvalia. Com a aggravante, no nosso caso, de que, se o avó procurava corroer pela base uma obra construida o neto tinha obrigação de construir em seu lugar, maior e mais bella.

O facto é que o actual partido situacionista não tem sabido saldar os debitos contrahidos pelo antigo partido opposicionista para com a opinião academica. Cahimos n'um dilemma: ou os actuaes mentores do partido situacionista estão á altura dos antigos mentores do partido opposicionista, pelo seu talento e pela sua correcção, ou não estão. No primeiro caso, vindo elles allegar a campanha de opposição e não a acção situacionista de agora é porque aquella era insincera, e portanto derrotista. Se

não estão na altura, é porque o partido legenerou, e não merece dirigir os destinos da classe academica.

Não, senhores situacionistas! não deveis dizer so, como uma gloria, que sois a antiga opposição academica, porque isto só vos pôde deprimir, quando não apresentaes as vossas credenciaes de situacionistas, que sois ha dois annos.

Não! Para impôr-se ao prestigio e á admiração da classe academica, deveis vir dizer-lhes, olhos e consciences do proprio valor: "Estudantes, merecemos os vossos votos, porque mantivemos n'um grau elevado o nivel intellectual e moral da classe academica; porque scilicet mantemos o prestigio social dos estudantes perante a sociedade de São Paulo; porque soubemos concorrer para o reerguimento physico dos academicos, promovendo-lhes a pratica dos esportes; porque soubemos, lá fóra de São Paulo, sustentar com oeilho as tradições gloriosas da Faculdade".

Isso porem, não dizeis. Porque?

Não o dizeis, porque desde que conseguistes as posições do Centro Academico XI de Agosto, não houve uma iniciativa sequer da parte deste tendente a crear ou organizar uma obra intellectual ou moral levada ávante por estudantes; houve apenas a transformação da revista do Centro em arma politica do situacionismo; houve a sufocação

de um ideal, que era a fundação da Federação dos Estudantes Paulistas, iniciativa de um estudante idealista e dedicado. Grande progresso, sem duvida!

Não o dizeis, porque nunca tratastes do desenvolvimento physico dos academicos, promovendo torneios esportivos em que a saúde se revigore, em que o espirito descanse e a solidariedade estudantina se reafirme. Não ha mais visitas entre estudantes de varios pontos do Brasil.

Não o dizeis, porque envolveistes na mais cerrada nuvem de mysterio a colaboração paulista no Congresso de Estudantes de Direito de Bello Horizonte. Não dizeis que mantivestes o prestigio da gloriosa Faculdade de São Paulo, porque não prestastes contas perante os academicos que representastes daquillo que fizestes. Não nos mostrastes um jornal apenas de Bello Horizonte com referencia á delegação paulista.

Não nos trouxestes os discursos feitos e os resultados obtidos.

Não o dizeis, porque desde a partida para a capital mineira, esquecendo-vos de que estavam em jogo cem annos de tradições, não cumpristes com o vosso dever. Partistes depois de começado o Congresso.

É natural, portanto, que não faleis da vossa acção situacionista, e procureis fazer politica de hoje, com politica de antanho, ostentando a frente d' "A Chave" o dístico "Orgão da antiga Opposição da Faculdade de Direito de São Paulo.



## Carapuças...

No picadeiro alacre desta vida  
s'exhibe, ás vezes, contumaz palhaço,  
que, pela verve, pelo estardalhaço,  
nos deixa de barriga dolorida . . .

Mas, si o gajo se faz litterataço  
e quer, com eloquencia estylicida,  
pregar philosophia aborrecida,  
dá na Tolice colossal abraço . . .

E, ante a vaia geral o Fura-Fura,  
sabendo-se tristissima figura,  
a consequencia soffre dessa "rata"

e, conservando embora os olhos seccos,  
entra na Galeria Caricata,  
ao lado dos Accacios e Pachecos . . .

João d'Academia

## Notas

Iniciamos, no presente numero, esta secção á qual traremos, tratando-as syntheticamente, todas as questões politicas de que a veia academica e prodiga creadora.

Dizem os redactores d' "A Chave", no cabeçalho do seu jornal, que ella é o "Organ da Antiga Opposição".

Desejariamos que elles nos dissessem porque.

Quem os investiu do poder de tal afirmar?

Em que sessão partidaria, por meio minante os encarregou de ser seu porta-voz, de poder represental-o nas lides politico - jornalisticas?

Em que baseiam os snrs. redactores d' "A Chave" o direito de pregarem a-quelle titulo pomposo no cocuruto do seu jornal?

Em nada... ou no regimem das "panellinhas" omnipotentes...

Falamos em "panellinhas"...

Ao lermos a noticia da sessão de posse notamos o cuidado com que a redacção situacionista fez apparecer nos apartes os nomes dos membros do grupinho-chefe...

Nós sabemos o que é uma sessão do Centro: uma chuva de apartes sobre uma tentativa de discurso.

No entanto só conseguiu "A Chave" apanhar os apartes dados pelos seus redactores...

Não ha duvida que este é um meio de "defeza": o adubo do prestigio...

Esperamos que o proximo numero d' "A Chave" explique satisfactoriamente aquella historia de collocar phrases ingenuas na bocca dos oradores opposicionistas...

Dirão que os apartes foram tachygraphados e que o que diz "A Chave" é a expressão da verdade.

Neste caso é necessario, por coherencia que a redacção proteste contra a acta daquella sessão de posse que está em antagonismo com o jornal do snr. Lauro Celidonio...

O melhor, é apresentar para o tachygrapho um attestado de surdez... politica.

Nós podemos dal-o...

Interessante o modo pelo qual "A Chave" prega solidariedade: dizendo inverdades, como no artigo "Solidariedade", em que se esqueceu que o primeiro passo para ella é a lealdade.

Dizer-se que o partido situacionista nasceu da falta de solidariedade é falso. É falso — conclue-se após um rapido exame sobre a campanha da an-



## Sacrilégio

por Oliveira Ribeiro Neto

Sala de Fazenda

Bate cinco horas o velho carrilhão.

Uma rede de linho, cortinas de renda,  
pelles de onça atapetando o chão.

Austera mobilia colonial.

Nas paredes, pinturas primitivas:

— a Casa Grande, a Tulha, o cafezal . . .

Toalhinhas de crochet, de cores vivas,  
no encosto das cadeiras . . .

Um vetusto piano adormecido,

talvez lembrando o tempo já vivido

em que gemia valsas de Chopin . . .

As tradições brasileiras!

Como ellas nos fazem bem!

N'um quadro, uma figura nobre e empoada,

vestida de velludo . . . Uma dama elegante,

airosa e espartilhada . . .

— Mas! Que ouço? Oh! Sacrilégio!

Um radio alto-falante!

tiga opposição, em que não se esqueceram as armas torpes do ataque aos defeitos physicos, o que mostrava, da parte dos que atacavam, defeitos moraes...

Si quizessemos enveredar pelo mesmo caminho teriamos de que falar — embora condemnavelmente — e poderiamos afirmar no futuro que a nossa opposição nasceu da falta de solidariedade academica...

Continuando aquella torpe galumnia que nos apontava como um partido filiado ao P. R. P., insinua: "conseguido o Theatro Municipal por intermedio de um prestigioso chefe do P. R. P."

Por intermedio de quem desejaria a "panellinha" que conseguissemos o Theatro, que é um predio publico e administrado, como tal, pelo prefeito, que é do P. R. P.?

Si amanhã precisarmos da sede do P. D. a quem iremos pedil-a? Certamente a um membro do P. D.

Ou desejaram, talvez, que arranjassemos o Theatro por intermedio d' "A Chave"?

Escreveram mais: "levaram a sua audacia a ponto de pretender riscar nomes de collegas da commissão organisadora".

Sabemos que collegas eram esses: os componentes da "panellinha", que da

commissão não podiam fazer parte por incompatibilidade pessoal com membros do P. A.

E tanto a incompatibilidade era pessoal e não politica que o P. A. não fazia questão que da commissão constassem nomes do partido dominante.

Repudiava apenas certos e determinados individuos.

Dahi o despeito desses determinados individuos; desse despeito, a cegueira; dessa cegueira, o artigo "Solidariedade"...

Porque dos poucos repudiados, dois figuram como redactores d' "A Chave"...

Acharam absurda a nossa exigencia, condemnavel a nossa attitude e "por demais pequenino" o nosso procedimento.

Mas accitaram as condições impostas e pactuaram...

Commentario: fraqueza ou "solidariedade excessiva"...

Jamais academico, de partido algum, viu um exemplar qualquer de um programma do partido dominante.

E, no entretanto, "A Chave" fala em "nosso programma".

Quem sabe si elles "tambem" possuem um programma... secreto...

JOÃO D'ACADEMIA.

# Elucidando

(Politica da Academia — Politica Externa)

por Marquez Alex

Afirmam os elementos situacionistas da politica da Academia, e disso não se cansam, que o Partido Academico é formado por elementos do P. R. P., incrementando assim, no seio da Faculdade, as idéas dessa aggréguação politica.

É essa a unica arma de que lançam mão, num recurso desesperado para accusar o Partido Academico de introduzir na Faculdade assumptos da politica do Estado ou mesmo do Paiz.

Temo-nos calado até hoje.

Entretanto, a abertura do anno lectivo obriga-nos a vir por estas columnas esclarecer, não só os collegas veteranos, como também, e principalmente, os calouros que, desconhecedores por completo do ambiente politico em que respiram, serão, temos disso certeza, assaltados logo pela calúnia dos situacionistas, que procurarão com esse triste elemento, engrossar as fileiras do seu partido. Argumentemos por partes e desmembremos a accusação em todas as suas modalidades para, depois de analysa-la, podermos fazer calmamente a sua necropsia, se é que ella já não é cadaver putrefacto. Se assim for tratemos logo de inhuma-la, porque coizas assim, e em tal estado, irritam por certo a nossa sensibilidade pituitaria.

Para principio de argumento perguntemos: Como pôde um partido, dentro da Academia, portanto preso pelas normas e fins do Centro Academico, commingar idéas de partidos da politica externa, cujo centro de acção não se pôde absolutamente encaixar, por extenso que é, dentro da esphera de nossa actividade?—Como empregar processos usados pela politica de fóra, na Administração do Centro, cuja finalidade é absolutamente incompativel com elles e nem sequer offerece oportunidade para isso?—É coisa clara e facil de entender. Entretanto, se o partido situacionista vir nessas perguntas algum problema de alta monta, nada o impede a que se recolha á sua intellectualidade e aos seus livros para estudar o assumpto.

Uma vez, todavia, convencidos que sejam deste argumento preliminar, reccos certamente de perder o prestigio adquirido á custa de inverdades, dirão que as portas do Partido Academico se acham abertas para os filhos de politicos. É verdade. Estão abertas para estes e para todos os que desejam cooperar para o engrandecimento da classe academica.

Parece-nos que ser filho de um politico ou de uma autoridade não quer dizer ausencia de idéas.

Alás, é de se notar que as normas pelas quaes se conduz o Partido Acade-

mico, dentro dos fins do Centro, não prohibem, como não poderiam prohibir absolutamente, que os seus partidarios, fóra da Academia, independentemente, pertençam a esta ou áquella facção politica.

O partido Academico nunca, absolutamente, cogitou das idéas politicas dos seus correligionarios, fóra da Faculdade. Respeitou sempre as opiniões de cada um, uma vez que ellas não se choquem contra os seus principios. É o proprio situacionismo—é testemunha, (insistimos neste período para ficar bem clara esta questão) de que no seio do Partido Academico ha não só partidarios do P. R. P. como adeptos inflammados do Partido Democratico e Partido da Mocidade. Negará isto o situacionismo? — É

passar a si proprio attestado de incoherencia depois de varias attitudes tomadas por membros seus, em relação a companheiros nossos.

É pois, em nome do bom senso que pedimos ao Partido Situacionista por um ponto nestas accusações imprócedentes.

A arma é falsa. E só faz uso de armas falsas quem não dispõe das verdadeiras.

Aqui fazemos ponto. Antes disso, porém, devemos salientar que, para ingressar no Partido Academico o unico elemento que se exige no individuo é convicção e nobreza de caracter. As roupagens politicas devem ser despidas á porta, sejam ellas do P. R. P., do Democratico ou do Partido da Mocidade. Acima dessas tres facções que se degladiam lá fóra, vemos uma muito mais alta aqui dentro: a dos moços que procuram a elevação do Estudante e da Patria Brasileira.



## Bicho Papão

por Julio Tinton

A mamãe

Quando eu era criança e não queria dormir,  
Você cantava assim para eu ouvir:

“Bicho Papão,  
Saia do telhado,  
Deixe meu filho  
Dormir socegado”

Creio que o Bicho Papão obedecia,  
Porque eu, sorrindo, quasi sempre adormecia.

Agora, que sou moço, forte, altivo e ousado  
E já não temo mil Papões sobre o telhado, —  
Quem sabe quanta vez você cantou assim,  
Vendô a caneta, o papel e o “abat-jour” de setim:

“Dona Poesia,  
Saia do telhado,  
Deixe meu filho  
Viver socegado”

Mas a poesia, eu creio, é desobediente,  
Mamãe, eu hei-de ser poeta eternamente.

(Do livro inédito “Lua Cheia”)



# Ensaio sociologico

É a necessidade da existencia social a suprema lei?

por Guido Misasi

A nossa vida é como um grande mar tempestuoso em que, em vão, nos, entre o enfurecer das procellas e a furia das ondas, anhelantes procuramos um porto seguro, um recanto de paz tranquillo e sereno.

O nosso animo opprimido por tantas intimas luctas, inutilmente suspira um pouco de socego e de repouso. Quando, esclarecida pelo rai de um novo ideal, a vida nos parece mais bella e fascinante, logo o sopro de uma critica rigorosa nos destróe ainda este sonho, revelando-nos que aquella luz ou'ra cousa não era se não o falaz reflexo de uma illusão: logo que animados por uma nova fé, nos despertamos do nosso lethargo, um novo desengano nos prende até que o scepticismo nos abate para sempre e irrevogavelmente.

Todos, ante a queda de tantos ideaes, ante a ruina de tantas esperanças, somos presos da mais amarga das duvidas; perplexos e desconsolados nos perguntamos se vale realmente a pena viver esta vida, cujos prazeres são illusões fugitivas e caducas, e as dores, necessidades a que ninguem pode subtrahir-se.

Feita essa digressão, vamos indagar se a sciencia nos pode offerer alguma esperanza de salvação e se alguma doutrina pode satisfazer a necessidade da nossa alma desejosa de idealidade e prompta para as lutas da existencia. Em varias categorias principaes, por diferentes escriptores, têm sido resumidas as diversas concepções da vida; mas, querendo reduzi-las aos elementos typicos, vemos sobresahir tres ideas essenciaes:

Deus, o Individuo, a Sociedade.

Porquanto pareça sobreviver ás necessidades do espirito e ás exigencia do pensamento pelos quaes foi originariamente creada, a concepção theologica, representa todavia, no vertiginoso movimento da vida contemporanea, um dos mais importantes pontos luminosos em redor do qual se abrigam ainda tantas almas inquietas e sonhadoras. Esta concepção, como foi a primeira a surgir, assim foi também aquella que, por ser mais profundamente arraigada nos espiritos, sobreviveu a tantas tempestades, resistindo com invencivel tenacidade á obra deleteria do tempo e da critica.

Todavia são facéis de se indicar os motivos d'essa possante vitalidade: ella responde á necessidade mais profunda e incoercivel do espirito humano, áquella de aspirar ao alto, ao além dos phenomenos sensiveis, para objectivar num principio immaterial e eterno, para impersonificar numa entidade mysteriosa o segredo tormentoso de vida e do universo.

O homem, em presença da dor que envenena as fontes da felicidade, em presença da morte que dissolve e aniquilla, tem sentido e sente a necessidade de projectar num mundo differente do nosso o limite e o fim da sua existencia.

Certo, doce e possante é a fascinação que emana dessa concepção que immortaliza a vida num mundo ultraterreno, que o sentimento deseja e a religião assegura; mas para quem se rebella a crer no além tumulo e quer resolver o problema da vida com as suas mesmas leis, ella nada explica e nada justifica.



O escopo da vida deve ser collocado na vida mesma: a vida deve ser vivida da melhor maneira possível e o homem deve dar todo o thesouro das suas energias para a exaltação gaudiosa do seu ser, para a affirmação do seu dominio e para a conquista dos prazeres.

Essa é a concepção que — decaída a doutrina theologica — tem embriagado os pensadores, suggestionando-os a ponto de arrastar-os fora dos caminhos da vida.

Dominar, prevalecer; eis a nova formula, o novo evangelho, que Nietzsche, genio rebelde e solitario, contrapoz aos velhos principios.

São para elle mystificações as disquisições philosophicas sobre a tendencia do homem á verdade e á justiça, e as demonstrações da necessidade do altruismo.

É verdadeiro somente o que é util: a verdade não é outra coisa que a mascara do interesse, e até n'aquellas acções que parecem consagrar a renuncia e a abnegação, transparece evidente, quando as despidimos do disfarce da illusão, a vontade de viver e de sobrepujar.

Verdade, Justiça, Divindade: eis, protesta Nietzsche, os tres idolos que o homem, no extase do proprio dominio, crea para si mesmo, para nelles ver a imagem, reflectida do proprio poder.

Na theoria individualista não ha mais logar para o direito e para o dever, porque ao primeiro se substituem o poder, ao segundo o arbitrio de empregar, também com prejuizo de terceiros, aquellas forças que a natureza nos forneceu. Cada um deve servir a si mesmo. Cada um deve ser unico e considerar-se como o centro de toda a vida que em redor d'elle se agita, freme e se espalha.

Esse, expresso na formula mais paradoxal e exagerada, é o motivo fundamental que jaz ignorado no fundo de todas aquellas theorias pelas quaes o triumpho do individuo constitue o fim da vida humana. Seja que esse triumpho derive da superioridade e do dominio que os homens exercem sobre a multidão bruta e anonyma; ou derive da intima rebellião do individuo contra o pretendido igualitarismo democratico; seja que se obtenha por meio da arte e do poder ou por meio da completa explicação da liberdade, é sempre, em todos os casos, o individuo e a exaltação de todo o seu ser, a alma escondida dessas concepções.

Mas não é necessario uma excessiva tendencia critica para perceber como taes theorias, pelo desejo de querer exaltar de mais um dos termos do binomio social — o individuo — esquecem completamente o outro — a Sociedade —, que é sera duvida o mais importante.

Como se pode, em consciencia, sustentar que os individuos sejam atomos isolados e autonomos nos proprios movimentos?

O individuo, considerado em si e por si mesmo arrancado do quadro das energias sociaes, que de todos os lados o premem e variamente o plasmam, é uma ficção do nosso espirito, um producto da rossa fantasia.

O individuo, considerado como centro de forças que se desenvolvem fora e independentemente da sociedade, é uma abstracção, assim como é uma abstracção conceber a sociedade prescindindo

dos elementos que a compõem.

Desde o primeiro dia em que o homem apparece a luz, elle é por todos os lados investido e penetrado pelas correntes da vida social, do entredas quaes elle nunca conseguirá desembaraçar-se.

Nascendo, acha-se enredado, por necessidades ineluctaveis, em um conjunto de orgãos, numa engrenagem de energias em que elle também deve exercer a sua função. Age como uma roda no complexo mecanismo de uma machina: funciona como uma cellula era um organismo vivente.

Um vinculo indissolvel de solidariedade, uma rede inextricavel de reciprocas obrigações liga e envolve todos os individuos que, vivendo em sociedade, transmittem uns aos outros, como as ondas do mar, o movimento e a vida.

Pouco a pouco, entre esses individuos, colligações por uma mutua dependencia, formase também uma consciencia commum, em que se repercutem e vibram as communs necessidades.

É não é exacto pensar que nesta concepção, que considera a solidariedade como o cimento e a alma de toda a vida social, o individuo seja sacrificado: muito pelo contrario elle, collaborando activamente na grande obra de civilização, necessariamente eleva-se e nobilita-se.

No intimo consentimento de todos os homens, em uma acção concorde, na reciproca troca de auxilios e de serviços, no destino commum, nas derrotas e nas victorias, na fraternidade das mesmas alegrias e das mesmas dores, as almas se purificam de todo o egoismo para acolher em si e para fecundar o germen de sempre novos ideaes.

Eclarecida por esse novo rai de luz, aquecida por essa nova chamma de fé, a vida nos parece mais bella e attraente.

O asceta que fita um mundo longiquo, que não pode ser o nosso, segrega-se da vida para totalmente consagrar-se ao culto do seu ideal, o genio que, vivendo só em si mesmo, pensa inebriar-se de dominio, não são, em face do conceito que da vida nos dá esta doutrina, mais do que cerebros doentes e allucinados.

É inutil qualquer illusão: o segredo da vida não deve ser procurado fora da sociedade; longe daquelles vinculos de solidariedade pela qual a nossa existencia se funde com a de todos os homens e a nossa alma vibra ao unisono com as palpitações da alma collectiva.

A communhão social, cimentada indissolvelmente pelo concurso de todos e fortalecida pela solidariedade — esta força que superando os limites do espaço e do tempo, funde os esforços de diversas gerações e encaminha-as para formas de civilização superiores — constitue o principio mais certo que a Sciencia Social pode elevar como lei soberana de todo o dominio dos phenomenos sociaes.

## Reflexões...

(de um calouro enfeitado)

No anno passado quando eramos ainda calouro, publicamos no n. 2 d' "O Academico" algumas reflexões.

Com grande satisfação para a nossa vaidadezinha, vimos-as privar entras do sr. ex-presidente (oh! honra!) que,

com desusada eloquencia e mirabolantes palavras, tentou externalizar em seu relatório. De um tal J. Franco, também provocaram (não reflexões) mas também estorço cerebral que ate tomaram como delle uns versos muito conhecidos na Academia.

Foi um descuido, sabemos, muito proprio dos temperamentos super-excitáveis... Para evitar equívocos deste quilibre responderemos ao sr. J. Franco, quando a calma e a serenidade lhe voltarem ao espirito.

Quanto a defesa do sr. ex-presidente, faria melhor se puzesse de lado a sua accentuada veia litteraria e reflectisse mais, pois ella não attingiu a solidez das nossas reflexões sobre a administração do Centro, no anno de 1926.

Estimulados assim pelo successo obtido, resolvemos, agora que temos já uma peninha a nos enfeitar, publicar novas reflexões.

Façamos antes porém uma:

Introdução:

Na Fac. de Direito de S. Paulo existem 2 partidos políticos: situação e opposição. Aquelle, tendo na direcção do "Centro" membros seus, obrigado a cumprir certas obrigações. Perante todos os estudantes, e perante muitos dos seus correligionários que confiados na suas promessas, se lhe filiaram.

Este, o opposicionista, chamado Partido Academico, sem compromissos maiores exerce uma acção fiscalizadora. Seu papel é examinar, fiscalisar, elogiar ou criticar as acções, as realizações, do outro. Os seus memeros não arreceiam as iras dos que desfructam o poder de nomear as commissões do Centro...

Pois bem, fiel ao meu temperamento muito pouco affeito ás "situações" "commodas" calouro ainda liliei-me ao Partido Academico. E ainda fiel ao meu espirito de natural dado ás reflexões critiquei as realizações da directoria passada. Nesse intento pegamos da penna agora. Sobre as realisação da actual Directoria vamos fazer as nossas

#### REFLEXÕES

A directoria e o partido sit, conforme prometteram no seu formoso programma constante da plataforma politica do presidente no anno do centenário dos cursos juridicos no Brasil já realison... já realison... (oh cabeça...) já realison... mas oh!

E, impossivel! esta cabeça! ah! uma

conferencia pelo Dr. Vampiro... já realison... o que mais mesmo?

Ah!... agora me recordo: o actual Presidente na sua plataforma disse: "O meu programma é o do meu Partido!... Eureka! o Partido tendo 5 annos e tendo apresentado 5 candidatos, cada um com seu programma — pensando bem — o resultado é possuir o Partido nada menos de 5 programmas... Dahi, muito provavelmente a discussão "entre os doutores" do Partido, sobre qual devam começar. Da discussão, com certeza saliu a confusão, ou talvez... alguma seisão, e em consequencia... só uma conferencia...

Sendo verdade as nossas conjecturas damos aqui ao Sr. Presidente e aos situacionistas duas sugestões. O Sr. Presidente bancar o dictador e impôr o seu ou então o seu é mais proveitoso e mais de accordo com as normas do partido: arranjem um "sexto" programma *concludor*.

Com isto, aguardamos algumas conferencias e outras realizações de verdade para não fallhar como desta vez as reflexões deste "enfeitado" mas calouro ainda...

J. CHRISPIM.

P. S.: Quando foram reflectidas estas linhas a "commissão do centenário" não tinha ainda dado os ares da sua graça, nem se falava tanto como agora em "seisão..." nem tão pouco o 1.º gradador tinha pedido demissão.

J. CHRISPIM.

#### Um grande Mestre e Amigo



#### Colcha de Retalhos...

por Alceu Bellegarde

Eu garro, com azeite, numa caixinha de pai santo, uma collecção vibrante de retratos. E hoje, a horas tantas, eu abri esse lindo relicario... Abri-o e vibrei de emoção e contradicção: - vaidade - saudade...

Vaidade!... A condecoração despetica de meus sonhos! Todo o meu... or nada mais é do que a obra pífissimogorica da maravilhosa invenção da minha Vaidade! Ella, sempre ella, é que faz e desfaz as attitudes de meu coração!...

Faz, constrói, crea aquilo q. eu, ingenuamente, todas as vezes, julgo creado, construido, feito por mim!

-Depois, destrói, desfaz, elimina, reduz tudo, tudo, a cinza, a pó, a nada...

E só ficam folhas secas, palavras inanimadas, mortas...

E então é que surge a Saudade com seu vestido c'ôr de violeta... E, com gesto languido, esparze, sobre aquellas cinzas, o perfume encantado: — "Doces Tempos Que Não Voltam Mais!..."

Por que? Por que será que ha de ser eternamente a vida uma colcha de retalhos?...

Cada photographia da casinha de pai santo, — um farrapo esgarçado do meu Amor, cheirapido a "Doces Tempos Que Não Voltam Mais!..."

Quanta coisa boa não lembra aquella collecção?!... Quanta!... E não está completa... Outras silhuetas, outras phisnomias, ou os perf's, collocar-se-ão, a pouco e pouco, ao lado daquelles... Até... até... até a Fada caprichosa do meu destino dê remate, com a ponta bibrada de sua agulha d'ouida, á colcha de retalhos multicores da minha vida!...

São Paulo, 11 de Abril de 1927



Si esse leão do Emendabili figura a Força do Direito, porque é bravo, si o Poder representa, como escravo vigia do Direito, que assegura, não achamos o leão um typo idoneo, porque sendo mais bravo e mais valente, o pedestal deve occupar, tremente, o braverrimo Lauro Celidonio...

João d'Academia



## Patriotismo Inconveniente

(Carta aberta ao Sr. Nelson de Palma Travassos)

Collega Travassos

Venho visita-lo pelas columnas d' "O Academic", trazendo como cartão de visita o titulo que encima estas linhas.

Creio que V. não me conhece. Quanto a mim, conheci-o na ultima sessão do "Centro", quando V., num bello discurso (o bello aqui não é chapa), secundando as palavras do nosso collega Antonio Mercado Junior, levantava tambem o seu protesto contra a aggressão, estúpida soffrida pelo meu amigo Paulo Pinto de Carvalho e seu dignissimo pae, no correr das eleições de 24 de fevereiro.

Eu, como espectador vulgar do que se deu, applaudi com calor a sua attitude; e, como amigo que sou do Paulo Pinto, peço a V. e a elle permissão para agradecer o seu protesto e subscreve-lo.

De nós, o Paulo merecia isso e mais até.

Acóntec, entretanto (esse entretanto vale aqui por infelizmente), que V., no seu entusiasmo de patriota e na sua indignação contra a brutal aggressão, não dirigiu a scentella da sua palavra sómente contra o aggressor. E' isto que eu lastimo

Descobriu V. que elle é italiano e immediatamente atirou as suas palavras de protesto "contra a estrangeirada que pensa mandar na nossa terra"

Com "estrangeirada", certamente queria V. dizer "italianada".

Continuo a lastimar. Por mim, por V., e por todos os nossos collegas que, na qualidade de alumnos duma Faculdade como a nossa têm a obrigação de evitar dizer cousas dessa ordem.

Senão vejamos.

Que tem a colonia italiana com a attitude feliz ou infeliz, boa ou má, dum seu membro, que nem ella toda conhece?

Num collegial eu desculparia essa tolice de culpar uma colonia inteira pelo que faz um de seus membros. Em V., porém, não.

Dir-me á então o collega: Não lhe pedi desculpas.

Ainda assim eu me arrego o direito de não o desculpar. E' uma maneira

que eu tenho de dar a mim mesmo satisfacção das minhas attitudes

Por outro lado, demandando de parte o gravissimo e infeliz erro que V. commetteu sob o ponto de vista logico, passemos a examinar a sua attitude sob outro ponto de vista. Qual seja elle, V. certamente perceberá depois do exame.

E' o seguinte: Ha nesta Faculdade muitos filhos de estrangeiros que estavam presentes á sessão do Centro, por occasião do seu discurso.

Alguns delles, com certeza, além de collegas, seus amigos

Não acha V. que os melindrou algo, dirigindo-se tão asperamente contra a "italianada"?

Eu, por exemplo, filho de italianos que sou (e italianos de origem modestissima) fiquei magoado.

Dirá V. indignado: Não o conheço; poderá até repetir o achincalhe.

Isso, entretanto, tenho certeza de que V. fará sómente com os labios, porque por dentro, na Camara da sua educação, da sua compostura de academico, certamente se travará uma discussão da qual sahirão vencedores, estou certo, todos os preceitos educativos que V. recebeu na sua vida.

Dentro modo seriamos obrigados a fazer mau juizo de V.

E eu não quero. Nem eu, nem nossos collegas.

Por isso é que lhe escrevo esta carta. Ella é tão sómente uma satisfacção publica que eu dou, comparando o que V. disse com o que V. sentiu

Satisfacção de que, perguntarão?

Da impressão que me deu o seu discurso. Das impressões, aliás, porque foram duas

Ei-las: V., patriota, exaltado, indignado, fez um discurso. O calor de seu peito soffocou por completo a voz da polidez. E V. offendu varios collegas. E' a primeira impressao.

Segunda: V., terminando o seu discurso, senão dentro de si, alguma coisa de desagradavel

E' a sua educação que protesta contra a insensatez do seu entusiasmo

E V. reconhece que fez mal, maltratando, assim, moralmente os seus collegas que nenhum mal lhe fizeram.

Accertei? — Creio que sim, apesar de ser mau psychologo.

Se, ent etanto, erra, peço-lhe perdão.

Creio que V. não me negará.

E. PELLEGRINI.

Março de 1927.

## CALOTE

por Oliveira Ribeiro Neto

— Comprei um bilhete, queridinha, estou certo de tirar a sorte grande . . . Então, comprarei a baratinha e tudo mais que você mande . . .

— A sorte é de quanto, meu Geraldo?  
— De vinte contos . . . Comprarei aquella barata de dezenove e com o saldo lhe darei a fivella de brilhante que vimos outro dia na vitrina! E ainda sobrá bastante para concertos e p'ra gazolina . . .

— E a casa? Não pagamos aluguel ha tantos mezes . . . Olhe o que devemos ao Manoel e á venda do Menezes . . .  
— Manda-se ás favas! Mudamos de cidade, sahimos desse inferno, vamos gozar a nossa mocidade!

. . . E eis o typo do casal moderno . . .

## Uma liga de moços sul-americanos contra o imperialismo Yankee

por P. P. de C.

Esta iniciativa patriótica que um grupo de rapazes destemidos e dispostos, sob a chefia de Roberto Hinojoza estudante, ex-secretario da Embaixada Boliviana no Rio de Janeiro, pretende levar adiante, é um dos primeiros movimentos defensivos da mocidade sul-americana contra o espirito conquistador do povo norte-americano. É uma propaganda visando despertar o sentimento nacionalista das republicas latinas do continente americano para contrapor-se ás pretensões dos poderosos yankees.

Sobre os motivos determinantes desta liga defensiva dirão melhor as noticias transmitidas quotidianamente pelas agencias telegraficas, dando-nos conta dos attentados commettidos pela Grande Republica do Norte á soberania das republicas centro e sul americanas.

Torna-se quasi desnecessario recorrer á nossa vibratibilidade patriótica para salientar a nobreza da attitude daqueles moços. Basta possuir-se o sentimento de justiça, a idea do direito... e alguma leitura da historia das conquistas imperialistas!

Depois, o progresso do espirito conquistador na opinião publica norte americana após guerra é de molde a despertar serias apprehensões.

Parece que, á queda de Wilson nos E. U. se seguiu a da corrente de ideas pacifistas que o apoiára nos seus elevados planos de paz mundial.

Isto apparece claro na relutancia do governo norte-americano em entrar para a Sociedade das Nações.

Não é necessaria grande acuidade de espirito ou constante observação dos factos internacionaes para se perceber os intentos imperialistas dos dirigentes da "Casa Branca" a despeito de seus interessantes ideas de desarmamento mundial!

O caso ultimo da invasão do territorio nicaraguense por tropas do exercito americano sob o pretexto de restabelecer a ordem do paiz e garantir a vida dos cidadãos americanos é da actualidade.

Aos E. U. é cousa corriqueira pisar os direitos de independencia e liberdade dos povos, fracos ou violar as soberanias das nações desprotegidas.

Estes factos cuja gravidade fere o espirito mais indifferente não encontraram até hoje resistencia efficiente por parte dos interessados.

A debifidade da reacção é patente.

Os governos dos paizes centro e sul americanos talvez pelo temor senão pelas circumstancias mesmas da sua dependencia economica adrede preparada pelo ouro trahidor, mantém-se em attitude reservada. A opinião publica indigna-

se revolta-se, mas cala-se na maioria das vezes receiosa das represalias do proprio governo, trabalhado pelos agentes diplomáticos.

A imprensa, salvo raras excepções resume-se em publicar os telegrammas, dando as tristes e aviltantes noticias dos successos, com uma calma de pasmar.

É lamentavel a passividade de nossa imprensa! Sem o estimulo dos orgams de publicidade que são os orientadores do povo, não se forma, não se orienta a opinião publica.

Por outro lado as raras organizações capazes de n'um protesto vehemente manifestar a sua repulsa, apenas entre portas fechadas commentam o facto e somnam mais um ponto á serie interminavel destes attentados.

Este estado de cousas a continuar trará as mais nefastas consequencias.

Desde que os homens publicos, os jornalistas, as classes liberaes e conservadoras, os representantes enfim da nação que tinham a obrigação de encabeçar com a devida discreção um movimento defensivo, não sentiram ainda esta necessidade, cabe aos moços a tarefa.

Sómente aos estudantes compete modificar tal situação, rompendo com esta atavica apathia, procurando chamar a attenção do povo para o perigo immi-

nente que constitue para as nossas instituições, estas investidas á autonomia e integridade dos nossos vizinhos continentaes.

Despertar a consciencia nacional para taes factos é um dever dos moços.

Embora muitos considerem platonícos os protestos da mocidade—elles não são tanto quanto parecem. Produzem um effeito moral incalculavel na balança dos pro ou contra dos instigadores de taes violencias no seu paiz de origem.

Pouco valem quando partidos de um centro isolado. Imagine-se, porém, qual o effeito que produziria na opinião mundial e mesmo na daquela Republica, se os estudantes da America inteira protestassem contra o imperialismo yankee!

Como prova de que o governo dos E. U. dá valor a este arrebatado sentimentalismo dos latinos, temos a presção que já começara a exercer no governo boliviano a proposito dos discursos pronunciados no Rio de Janeiro por Roberto Hinojoza.

É um dever patriótico nosso fazer a propaganda contra este espirito conquistador dos norte-americanos ou de qualquer outra nação que venha exercer sua actividade damninha em nosso continente.

Defendamos-nos. Congreguemos nossas forças. Preparemos o espirito da nossa mocidade para a formação de uma mentalidade com visão politica mais larga e portanto mais apta a defender as nossas instituições das traiçoeiras manobras do estrangeiro machavelico.

(CONTO)

## DEPRAVADOS

por Benevides de Rezende

— Póde-se entrar?

E a figura grotesca de Efimoff surge na abertura da janella.

— Conforme, responde, em tom descontente, outra voz, interior, voz escarnada, de timbre desagradavel. Quem está ahí?

— Ora, ora, retruca Efimoff. Será que a velha Katia me desconhece? Vamos, abre a porta. Sou teu maridinho, o Efimoff, nariz vermelho, que volta para os teus braços com a mesma desenvoltura de outr'ora. Ah! Ah!

— Miseravel, grita a velha, reconhecendo-o.

— Vamos. Deixemos de prosa fiada e passa para cá todo o dinheiro.

— Não o tenho.

— Não o tens! vocifera, exasperado, o homeminho. E as ricas pratinhas que recebeste honrem pela venda dos nossos moveis. Bebeste-as, hein? Ah! Ah! não acredito.

— Cala-te, que me matas com as tuas exigencias.

— Eu? Quem é que me tem deixado de noite ao relento, doente?

— Miseravel! ruga a velha. Negas que estavas bebendo. Vagabundo, nem mais um vintem. Se queres bater-me, vai e arromba a porta, mas ne-

rum real arrancarás de mim. Basta.

O homem dá meia volta, olha o céu plumbeo e põe-se a mirar a mulher que varre a casa, fingindo-se distrahida.

Chega-se á janella e debrucha-se.

— Katia, escuta.

Ella não responde, pondo-se a varrer mais depressa ainda.

— Não me falas então? Vamos Katia, paciencia, que ainda me hei de corrigir. Olha, não bebi hoje. Vê.

Chega-se mais á janella, abre a bocca cheia de dentes quebrados e podres e põe-se a bufar como um touro.

— Não tenho cheiro nenhum. Tu não queres que beba. É mal feito mas me submetto á tua vontade. Vamos. Passa-me uns kopeks. Não almooei ainda. É's bôa, Katia, e deves comprehender o meu sacrificio. Não bebi ainda hoje. Não acreditas. Sim, olha, olha...

A velha ri, encorajadinha dos trejeitos do homem, que pula e salta.

— Estás alegre. Perdôas-me. Ah! Ah! Eu te conheço Katia, melhor do que tu mesmo. Sei que me darás os kopeks. Não? Tu brincas. Que

## Uma liga de moços sul-americanos contra o imperialismo Yankee

por P. P. de C.

Esta iniciativa patriótica que um grupo de rapazes destemidos e dispostos, sob a chefia de Roberto Hinojoza estudante, ex-secretário da Embaixada Boliviana no Rio de Janeiro, pretende levar adiante, é um dos primeiros movimentos defensivos da mocidade sul-americana contra o espírito conquistador do povo norte-americano. É uma propaganda visando despertar o sentimento nacionalista das republicas latinas do continente americano para contrapor-se ás pretensões dos poderosos yankees.

Sobre os motivos determinantes desta liga defensiva dirão melhor as noticias transmittidas quotidianamente pelas agencias telegraficas, dando-nos conta dos attentados commettidos pela Grande Republica do Norte á soberania das republicas centro e sul americanas.

Torna-se quasi desnecessario recorrer á nossa vibratibilidade patriótica para salientar a nobreza da attitude daquelles moços. Basta possuir-se o sentimento de justiça, a idea do direito... e alguma leitura da historia das conquistas imperialistas!

Depois, o progresso do espirito conquistador na opinião publica norte americana após guerra é de molde a despertar serias apprehensões.

Parece que, á queda de Wilson nos E. U. se seguiu a da corrente de ideas pacifistas que o apoiára nos seus elevados planos de paz mundial.

Isto apparece claro na relutancia do governo norte-americano em entrar para a Sociedade das Nações.

Não é necessaria grande acuidade de espirito ou constante observação dos factos internacionaes para se perceber os intentos imperialistas dos dirigentes da "Casa Branca" a despeito de seus interessantes ideas de desarmamento mundial!

O caso ultimo da invasão do territorio nicaraguense por tropas do exercito americano sob o pretexto de restabelecer a ordem do paiz e garantir a vida dos cidadãos americanos é da actualidade.

Aos E. U. é cousa corriqueira pisar os direitos de independencia e liberdade dos povos, fracos ou violar as soberanias das nações desprotegidas.

Estes factos cuja gravidade fere o espirito mais indifferente não encontram até hoje resistencia efficiente por parte dos interessados.

A debilidade da reacção é patente.

Os governos dos paizes centro e sul americanos talvez pelo temor senão pelas circumstancias mesmas da sua dependencia economica adrede preparada pelo ouro trahidor, mantêm-se em attitude reservada. A opinião publica indigna-

se revolta-se, mas cala-se na maioria das vezes receiosa das represalias do proprio governo, trabalhado pelos agentes diplomaticos.

A imprensa, salvo raras excepções resume-se em publicar os telegrammas, dando as tristes e aviltantes noticias dos successos, com uma calma de pasmar.

É lamentavel a passividade de nossa imprensa! Sem o estímulo dos orgams de publicidade que são os orientadores do povo, não se forma, não se orienta a opinião publica.

Por outro lado as raras organizações capazes de n'um protesto vehemente manifestar a sua repulsa, apenas entre portas fechadas commentam o facto e somnam mais um ponto á serie interminavel destes attentados.

Este estado de cousas a continuar trará as mais nefastas consequencias.

Desde que os homens publicos, os jornalistas, as classes liberaes e conservadoras, os representantes emfim da nação que tinham a obrigação de encabeçar com a devida discreção um movimento defensivo, não sentiram ainda esta necessidade, cabe aos moços a tarefa.

Sómente aos estudantes compete modificar tal situação, rompendo com esta atavica apathia, procurando chamar a attenção do povo para o perigo immi-

nente que constitue para as nossas instituições, estas investidas á autonomia e integridade dos nossos vizinhos continentaes.

Despertar a consciencia nacional para tres factos é um dever dos moços.

Embora muitos considerem platonicos os protestos da mocidade—elles não são tanto quanto parecem. Produzem um effeito moral incalculavel na balança dos pro ou contra dos instigadores de tais violencias no seu paiz de origem.

Pouco valem quando partidos de um centro isolado. Imagine-se, porém, qual o effeito que produziria na opinião mundial e mesmo na daquela Republica, se os estudantes da America inteira protestassem contra o imperialismo yankee!

Como prova de que o governo dos E. U. dá valor a este arrebatado sentimentalismo dos latinos, temos a pressão que já começara a exercer no governo boliviano a proposito dos discursos pronunciados no Rio de Janeiro por Roberto Hinojoza.

É um dever patriótico nosso fazer a propaganda contra este espirito conquistador dos norte-americanos ou de qualquer outra nação que venha exercer sua actividade damninha em nosso continente.

Defendamos-nos. Congreguemos nossas forças. Preparemos o espirito da nossa mocidade para a formação de uma mentalidade com visão politica mais larga e portanto mais apta a defender as nossas instituições das traiçoiras manobras do estrangeiro machavelico.

(CONTO)

## DEPRAVADOS

por Benevides de Rezende

— Póde-se entrar?

E a figura grotesca de Efimoff surge na abertura da janella.

— Conforme, responde, em tom descontente, outra voz, interior, voz escarnada, de timbre desagradavel. Quem está ahí?

— Ora, ora, retruca Efimoff. Será que a velha Katia me desconhece? Vamos, abre a porta. Sou teu maridinho, o Efimoff, nariz vermelho, que volta para os teus braços com a mesma desenvoltura de outr'ora. Ah! Ah!

— Miseravel, grita a velha, reconhecendo-o.

— Vamos. Deixemos de prosa fiada e passa para cá todo o dinheiro.

— Não o tenho.

— Não o tens! vocifera, exasperado, o homemzinho. E as ricas pratinhas que recebeste honrem pela venda dos nossos moveis. Belestes-as, hein? Ah! Ah! não acredito.

— Cala-te, que me matas com as tuas exigencias.

— Eu? Quem é que me tem deixado de noite ao relento, doente?

— Miseravel! ruga a velha. Negas que estavas bebendo. Vagabundo, nem mais um vintem. Se queres bater me, vae e arromba a porta, mas ne-

rum real arrancarás de mim. Basta.

O homem dá meia volta, olha o céu plumbeo e põe-se a mirar a mulher que varre a casa, fingindo-se distrahida.

Chega-se á janella e debrucha-se.

— Katia, escuta.

Ella não responde, pondo-se a varrer mais depressa ainda.

—Não me falas então? Vamos Katia, paciencia, que ainda me hei de corrigir. Olha, não bebi hoje. Vê.

Chega-se mais á janella, abre a bocca cheia de dentes quebrados e podres e põe-se a bufar como um touro.

—Não tenho cheiro nenhum. Tu não queres que beba. É mal feito mas me submetto á tua vontade. Vamos. Passa-me uns kopeks. Não almocci ainda. É's boa, Katia, e deves comprehender o meu sacrificio. Não bebi ainda hoje. Não acreditas. Sim, olha, olha...

A velha ri, encorajadinha dos trejeitos do homem, que pula e salta.

— Estás alegre. Perdões-me. Ah! Ah! Eu te conheço Katia, melhor do que tu mesmo. Sei que me darás os kopeks. Não? Tu brincas. Que

fazes por ali a mexer no bahu? Procuras o dinheiro, hein! Tu mentes, velha, porque ali elle não está. Guardaste-o no cantaro de barro. Não negues que tudo eu vi hon'ém á noite. Vamos, Katia, deixa esta cara de quem não entende. Vim para buscar dinheiro e daqui não me vou sem elle.

Desencosta-se do parapeito, olha se vem alguém e pula para dentro do quarto.

A velha, encorujada de medo, arranca de um punhal que debalde procurava no bahu.

— Katia, Katia, que fazes?! diz Efimoff. Guarda essa arma.

A velha não dá resposta. Empunhando a arma, vai se chegando até perto de uma prateleira mal presa na parede, onde se vê, em meio de umas louças sujas, uma botija de barro queimado.

A velha agarra-a e põ-la debaixo do braço; foi obra de um minuto.

— Larga a arma, Katia. Podes-te machucar. Que é isto? Não te disse que os rícos kopeks estavam nesta panella? Eh! maldita, despeja-os no bolso.

Efimoff parece ouvir o tilin'ar que as moedas fazem, entrecrocando-se.

A velha continua muda. Perto da janella, bem ro claro, enquanto Efimoff permanece na sombra, com os seus cabellos de um branco sujo, arrepiados pelo medo, ella dá ao quadro uma tetrica apparencia.

Efimoff vai avançando para o seu lado, lentamente.

— Katia minha, dá-me tres kopeks e me vou embora. Dois, então, se estás com esse olhar de usura. Nada, nenhum? Dá-me, Katia querida. Tu bem sabes quanto soffro quando não bebo. Dizes que não beba, mas falou-me Petroff ter estado contigo "borracha". Vamos, que não poderei ficar aqui indefinidamente. Tu não me dás, então? grita, colérico.

Chega-se á janella e solta um assobio. Lá fóra a noite é escura e sem estrellas. Alguns choupos escondem a pobre casinhola que é isolada.

A sombra entra pelo quarto mais tetrica ainda, quando Efimoff enche o vão da janella.

Rostos barbudos e sujos surgem a par do seu.

— Vamos, não ha nada a te fazer, senão arrancarmos da velha. E' dura de mais para entender. Ouves Katia? continua elle, dirigindo-se para a velha. São Petroff, Levine e Davidoff. Entrega-me o dinheiro, e ninguém te fará mal.

Tenta agarral-a, mas ella que está armada com o punhal, fere-o no braço.

— Que fazes, maldita? Agora vamos, amigos e depressa que teu filho não vem longe. Caluda. São se'te horas, Katia, que fazes? Ah! Ah! Abres a porta? Foges?

Virando-se para os depravados que o cercam.

— Não a deixem gritar. Netochka é forte e não vem longe. Vamos; que fazem parados? Petroff, meu velho, deixa o queijo na mesa!

Um corpo jáz estendido sob o arvoredor. Mougiks velhos e moços contemplam-no, com olhares idiotas e distraídos, como quem espera a hora do serviço.

O doutor dissera que houve morte devido a uma profunda incisão no braço, mas elles pouco acreditam na medicina. O que se apresenta ante

os olhos é a morte. O resto pouco importa.

— Eh! Eh! é Katia a bruxa.

E, mastigando estas palavras, um mougik muito gordo, curvo como um arco de violino, debruça-se sobre a velha.

Um guarda dá-lhe um pontapé em cheio.

O mougik cai por cima do cadaver e levanta-se imundo de sangue.

— Porco, vocifera o misero. Tres rúblos custou-me a fatiota.

— Dar-te-ei outra, responde calmo o guarda. Apparece em casa e não somente receberás uma fatiota mas tres mezes de cadeia por andares caindo sem autorização. Vamos, põ-te a andar.

Katia ha-se enterrada no cemiterio da aldeia. Um cruz de madeira carcomida serve para indicar sua última morada.

— Aqui jaz Katia mulher de Efimoff, assassinada por seu marido em...

E mais adiante, não se precisa andar muito, outra sepultura rasa.

E' o Efimoff.  
"Aqui jaz Efimoff, condemnado e justicado, por crime de morte".

(Da serie de «Contos Russos»)

## VARIAS

### «O ACADEMICO»

Com o apparecimento do nosso 3.º numero, notamos com o maximo prazer que o interesse, a boa vontade e o espirito academico não morreram de todo no meio estudantino. A par de artigos politicos, justificaveis pela necessidade de refrearmos e combatermos inverdades e defendermos de ataques tendenciosos, publicamos artigos sobre quasi todos os assumptos que interessam a moços de uma escola superior.

Nós, que batalhamos pelo levantamento do nosso nivel cultural, sentimos, ao lançar este numero á publicidade, a grata satisfação de poder apresentar hoje ao publico academico e ao publico em geral um órgão onde se reflecte, como nos tempos de antanho, toda a pujança, a alma vibratil da academia.

AVISO: — A Redacção não assume a responsabilidade dos artigos assignados ou subscriptos com pseudonymo.

### O Centenario da Fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil

Sendo nosso desejo fazer sahir um numero especial do "O Academico" por occasião do "centenario" pedimos aos

nossoes collaboradores e aos estudantes em geral que nos auxiliem com escriptos sobre aquella data, para podermos apresentar um jornal onde se possa ver reflectida com justeza a mentalidade dos estudantes da Academia no seu 1.º centenario.

## «A CHAVE»

Surgiu, outro dia, o primeiro numero da "A Chave", d'este anno.

Não veio, como costumam vir os seus primeiros numeros annuaes, carregado de cantatas aos novos academicos.

Parece-nos que esse grupo de rapazes, que se quer intitular "Antiga Opposição", mudou completamente de tactica, não prometendo aos calouros, (ao menos publicamente) cousas que não cumpre, e ericando seu jornal de espinhos que nos não podem ferir, encouraçados como estamos, na razão que nos assiste.

Quanto ao effeito produzido entre os rapazes do primeiro anno, não foi o que costumam produzir artigos virulentos como os que publicou "A Chave". Ao contrario, encheram-se de tristeza os calouros, e nós tambem, por não podermos entender certos artigos, que só tem significado para os litteratos que os escreveram...

Lamentamos pois, que os amiguinhos da "Chave", na sua inexperiencia, não tenham sabido doirar a pilula politica, difficil de digerir, com alguma coisa mais comprehensivel...

ARCADIO.

Estabelecimento Graphico

VICTOR DEBELLIS



Rua Major Diogo N. 170-B

Phone Av. 1448

São Paulo

## Dr. Waldemar Ferreira

... E' com prazer que publicamos a seguir, o discurso do nosso distincto collega e esforçado collaborador, Sr. Paulo Barrero, pronunciado por occasião de um almoço offercido ao Dr. Waldemar Ferreira, quando professor do quarto anno.

"O Academico" associa-se a essa justa homenagem, vendo nas suas bellas palavras a affirmação justa das innumerables qualidades do Mestre.

Eil-o na integra:

"Após as brillhantes palavras do orador que me precedeu, parece que nada mais resta dizer-vos.

Entretanto, ha em mim neste momento um enthusiasmo que vibra e um sentimento que palpita. Uma força extranha e imperiosa exige que eu fale perante vós.

Ao erguer minha voz, no seio desta mocidade estudiosa, entre as alegrias e as flôres de uma juventude que sabe ser grata, trago em mim simples e unicamente, o desejo de patentear minha inexcédível admiração pelo vosso talento aprimorado e pelo caracter impolluto.

Não é a pretensão de querer brilhar que me impelle a falar-vos. Não. Longe de mim semelhante pensamento.

Outro é o movel, outra é a causa.

Tambem aqui, nos breves instantes em que abusarei da vossa paciencia, não venho esculpir a vossa biographia nem pretendo cinzelar a vossa multiforme personalidade.

Tratarei apenas da vossa personalidade na esphera do ensino, falarei da vossa vida no magisterio da nossa Faculdade.

Bastou-nos, querido professor, a amistosa convivencia do primeiro anno, em que nos leccionastes, para que ficássemos, para sempre, captivos do vosso fulgurante espirito e da vossa invejavel bondade.

A philosophia popular dos anexins, diz-nos, e com muita razão, que "ha males que vêm para bem".

Si a recente reforma do ensino, determinada pelo Governo Federal, trouxe algum mal ao ensino superior da Republica, teve, pelo contrario, a excelsa virtude de nos proporcionar a vossa utilissima convivencia e assim pudémos conhecer e admirar a vossa pessoa.

Como professor, vós realizastes, com zelo e dedicacão, a formula do ensino theorico-pratico, temperado pela vossa culta experiencia na vida profissional.

Comprehendeste com rara perfeição, que o professor não deve ser um automático a transmittir aos discipulos regras e preceitos, sem primeiramente vivificá-los.

Soubestes dar alma e dar corpo aos vossos ensinamentos soubestes apurar e aperfeiçoar as vossas lições.

O ensino theorizado é um bellissimo cubusto, e um delicioso feitiço, e a perola falsa do collar de glorias do magisterio.

Tal ensino torna petulantes os que estudam, converte-os em meros decoradores de phrases empôladas, quando não, pregadores de dizeres bombásticos.

Tal ensino é a materia inerte. E' preciso o bemfazejo sópro do ensino intuitivo, do ensino pratico, para dar-lhe alma, para animal-o.

E' necessario que se faça a exegese dos ensinamentos. Não basta accèitar ou perfilhar alheias doutrinas pelo simples motivo do que ellas foram ditadas por alguem que tinha competencia para tal. E' preciso assimilal-as e não pôde haver assimilação sem o raciocinio, sem uma análise methodica.

O "magister dixit" é, na maioria dos casos, o exemplo eloquente do servilismo intellectual.

E' preciso despertar o senso critico de quem estuda. Para longe a subserviencia intellectual.

Sampaio Doria, eminente pedagogo e meu muito querido professor, já observou que: "Não se aprende, apenas, ouvindo e assistindo, mas, lidando e batallhando. O alumno que se limita a ouvir e a repetir deforma o seu espirito, nivelando-se aos discos phonographicos cuja fidelidade em receber e reproduzir é notoria e não tem parelha. O que lhe convem, ao fim que busca, é observar, raciocinar e concluir. Só assim formará a sua mentalidade e se aparelhará para as luctas complexas, asperas e graves, na vida pratica que o espera".

E' raciocinando, é fazendo trabalhar o mecanismo da nossa logica que comprehendemos o fito e o alcance das lições que nos são legadas.

Vós soubestes, com rara habilidade, despertar o estimulo entre os vossos discipulos, aguçando a sua emulação e utilizando-se da vaidade dos mesmos para um fim benefico, qual o de incentivar o estudo entre nós.

A vaidade, muito embora não seja virtude, tem esse curioso dom de contribuir para a perfeição humana.

O homem é um ser pensante. E' neste predicado que reside a mais valiosa, sinão, digamos, a verdadeira distincção entre o nosso semelhante e os outros seres da escala zoologica.

Dahi a obrigação natural que elle tem de tudo escabellar para aprender, perquirindo a razão das coisas e indagando o "quid" dos phenomenos.

Sem esse trabalho que a propria natureza do ensino indica, sem essa actividade essencial á boa comprehensão dos estudos, tudo seria infructifero, tudo seria cabotico, tudo seria penumbra.

O ensino, assim, não passaria de mero papagueado, não representaria sinão simples concorrência áquellas aves que até hoje se consagraram unicamente

como curiosos phonographos de pennas e bico.

Vós mesmo declarastes algum dia que "necessario se torna facilitar o trabalho intellectual dos moços, emancipando-os do regimen das postillas e da copia de pontos".

Nesta época de ostentações balôfas e de pachecadas mirabolantes, vós sois um exemplo digno de ser imitado.

Sois o typo perfeito do homem que em adversidade com o meio inhospito, procura attingir a méta do seu ideal.

Sois daquelles que, para se imporem, não precisam de couraças bellicosas nem artefactos de exterioridades assustadoras.

A vossa personalidade impôz-se e impõe-se por si propria, pelas virtuosas qualidades que possui e pelos elevados ideaes que alimenta.

Conseguistes reunir, em vós, com rara felicidade, um espirito rutilante a uma modestia invejavel.

Dr. Waldemar!

Não quero fatigar mais a vossa attenção, nem a dos outros que estão tendo a jobiana paciencia de ouvir-me.

Quiz apenas demonstrar e patentear um sentimento que alimento em minha alma. Nada mais.

Terminando, peço-vos que acceiteis caro mestre, a expressão singela mas sincera da minha admiração pelo vosso excellentes espirito e pelo vosso caracter inquebrantavel.

Tenho dito".

## Paulo de Mesquita

Dentre os alumnos que terminaram o curso em 1926, um merece especial referencia de nossa parte, não só pelas suas qualidades, como tambem pelos serviços que prestou ao Partido. E' Paulo de Mesquita.

Intelligencia robusta, servida por sólida cultura, percorreu com grande brilho as diversas séries de seu curso juridico, distinguindo-se sempre pela lhanza de trato, rectidão de caracter e espirito combativo. Luctador fervoroso, empenhou o maximo de seus esforços em prol da formação de um ambiente á altura dos moços que aqui estudam. Simples e leal, jamais se revestiu do manto da insinceridade, em troca de uma popularidade facil.

Impôz-se, de tal maneira, á consideração e estima dos collegas que nas eleições de 1925, os que com Paulo de Mesquita batallhavam pelos mesmos ideaes, viram nelle o natural candidato á presidência do Centro; disputou-a pelo antigo Partido Situacionista.

Então, as injusticias que soffreu e as campanhas reprovaveis de que foi victima, longe de o desalentarem, retemperaram o seu animo, preparando-o para as luctas que, no anno seguinte, tendo-o á frente, o Partido Academico encetava. Nesta posição, conservou-se até a sua

formatura, imprimindo aos trabalhos do Partido a feição dictada pelo seu programma.

A Paulo de Mesquita consignamos os nossos agradecimentos, fazendo votos para que não se interrompa a brilhante carreira que tão bem sobre iniciar nesta Faculdade.

### Nossa Penna

Esta bella iniciativa de um grupo de estudantes desta Faculdade, vae no mais florescente progresso, pois, já conta com 484 cooperadores.

Uma vez alcançando os 500 cooperadores necessarios, — o que não tardará pois está sendo muito bem acolhida pelos "calouros" deste anno, — serão emittidas as accões-cooperativas, e, por todo o mez de Maio surgirá á publicação, o seu 1º numero.

"Nossa penna" pode gabar-se de ser a unica revista que, ainda não publicada, já conta para mais le 50 representantes espalhados por todo o territorio do Brasil. Para fazer-se uma idéa, basta citar os nomes das cidades onde ha representantes de "Nossa Penna".

Succursaes: Rio de Janeiro (com tres repres.), Bello Horizonte (com 4 repres.), Nictheroy, Belém do Pará, Recife, Florianopolis, Manãos, e Bahia (com 2 repres.) fóra aqui em São Paulo, com 17 representantes.

E nas seguintes cidades: Jaboticabal, Petropolis, Casa Branca, Ouro Fino, Itapetinga, Botucatu, Lorena, Ribeirão Preto, Jundiahy, Campinas, Barretos, Jahu, Araraquara, Vargem Grande, Ytu, Rio Grande do Sul, Rio das Pedras, Campanha, Juiz de Fóra, etc.

Os directores de "Nossa Penna" por nosso intermedio, appellam para os cooperadores estudantes desta Faculdade, a gentileza de indicar-lhes collegas e amigos de outras cidades, afim de serem representantes dessa revista, e, assim, possa ella extender-se o mais possível. As indicações poderão ser dadas pessoalmente, aos seus directores, ou, no pequeno impresso que acompanhou o 1.º boletim enviado a todos, devendo ser remettido para a caixa postal 3509, São Paulo.

### PARTIDO ACADEMICO

Reuniões — Realisou-se no mez de abril do corrente anno uma reunião do P. A., para tratar de interesses concernentes á sua organização interna. A esta reunião compareceu grande numero de correligionarios de todos os annos, tendo sido escolhido para Presidente o bacharelando Paulo Pinto de Carvalho. Este, tomando a palavra discorreu sobre a orientação mantida pelo Partido, a qual achava não se dever modificar.

No dia 5 de Maio reunidos novamente, resolveu-se por unanimidade que a conducta do P. A. seria, diante de qualquer

atitude dos seus adversarios pautada pelas normas até aqui seguidas, isto é, da maxima correcção e lealdade.

Para a proxima reunião será affixado o respectivo aviso no quadro da Faculdade.



### Celebridade

Ruy, Wilson, Alexandre, Napoleão têm um só nome, — e basta. Como aquellas figuras, é este illustre figurão: tem só um nome: — Fornellas!

Arcadio

### (PHANTASIA)

## INCONTENTADO

por Amilcar Quintella Jor.

Meia noite. Silencio. Estou a bordo de immenso transatlantico, a vogar. Longe dos meus, saudoso, eu sinto que transbordo de indizível desejo de chegar.

Durante o dia a viagem é tão bella! Festas, sorriso, musicas... Em tudo, a alegria espontanea se revella, qual um sonho de seda ou de velludo!

Mas, á noite, o silencio, a solidão que pésa. Fito o mar: cousa alguma ao longe se divisa; nem o louro esplendor da natureza, nem a mareta azul, crizada pela brisa!

E' nessa hora que sinto, bem mais forte, o infinito desejo de chegar. Enquanto o transatlantico o seu norte vae seguindo, seguindo, sem parar...

E horas inteiras passo, alli, no tombadilho esperando impaciente, o despontar do dia... Eis senão quando, sobre o mar, o brilho auri-rubro do sol, aos poucos, principia...

Surge o dia. E, depois desse dia, a amargura de outra noite, e, de novo, o anseio de chegar; e o palacio fluctuante a immensidão escura vae rasgando, sem cessar.

Eis chego, finalmente, ao termo da viagem. Como me enlévo, como me transporto ao affagar com a vista a terrestre paisagem, ao contemplar, enfim, o desejado porto!

No entanto, é incoherente o coração humano, que não sabe o que quer, que não sabe o que sente! Quem ha-de de desventar-lhe o mysterioso arcano, quem ha de contentar o eterno descontente?

Hoje, se uma lembrança inda me invade, das horas que passei a bordo, a navegar, sinto uma longa, interminada saudade daquellas noites tristes sobre o mar!...

## "Cabala" e Propaganda

por Alkaïos

O que tem dado á politica academica um caracter extremamente aviltante é, sem duvida alguma, aquelle conjuncto de processos pouco dignos, que se enfeixam sob o nome de "cabala", e que têm sido usados, largamente, nestes ultimos annos.

Mas que é a cabala? Em que consiste a "cabala"?

A "cabala" se reduz, em ultima analyse, á compra de prestigio.

Todo o agrupamento politico, que angaria adeptos com promessas de vantagens consistentes em cargos ou posições proprias a satisfazer vaidadezinhas pessoais, — "cabala", compra prestigio.

Toda a organização partidaria, que só consegue augmentar sua força á custa de intrigazinhas, suscitadas com o fim de diminuir o conceito de que gosam os adversarios, — "cabala", compra prestigio.

Ora, o prestigio, para ser duradouro, ter base solida, deve constituir-se como uma resultante natural de algum esforço intelligente feito em beneficio da collectividade, — esforço esse dirigido no sentido da construcção e não no da demolição.

O prestigio verdadeiro, real, é aquelle que fatalmente alcançam os que alimentam ideas alevantados e não os deixam de pôr em pratica, quando se lhes offerecem as opportuniidades. Muita gente ha, porém, que, mal se aboleta nas posições ambicionadas, joga a um canto os principios, como se fossem — "banapeiras que já deram cacho...."

O "Partido Academico", — podeis estar certos disso, — não procederá, em caso algum, por esta fórma.

O "Partido Academico" não fará "cabala" porque não deseja possuir esse pseudo prestigio, esse prestigio deshonoroso, conquistado pelo suborno e pela maledicencia. Nós não entregaremos a esse bate-bocca em que se deleitam as lavadeiras.

Faremos exclusivamente a propaganda de nossas idéas, com a maior lealdade, com a maior franqueza.

As nossas armas, — a penna, neste jornal, e a palavra, nas sessões. A nossa bandeira de combate, — o programma do "Partido".